Titulo: Crise da Argentina tem efeito 'limitado' no Brasil, diz economista do MUFG

Veículo: Poder 360 Centimetragem: 77.78

Página: Online Data: 31/08/2019 Valor: R\$ 10.950,90 Page Views: 61.733 Unique Visitors: 61.733

Colunista: Marlla Sabino

Crise da Argentina tem efeito 'limitado' no Brasil, diz economista do MUFG Poder 360 - 31/08/2019

O economista sênior do Banco MUFG Brasil, Carlos Pedroso, 57 anos, avalia que os reflexos da crise na Argentina na economia brasileira serão limitados nos próximos meses. Para o executivo do conglomerado japonês, o mercado já absorveu os efeitos de uma possível derrota do atual presidente do país, Mauricio Macri, nas eleições de outubro e do pedido de adiamento do pagamento da dívida de curto prazo.

Receba a newsletter do Poder360

Em entrevista ao Poder360, Pedroso afirmou que a crise e econômica enfrentada pelos hermanos reflete há alguns meses nas exportações brasileiras. A argentina é 1 parceiro comercial importante para o Brasil. "Apesar de ser 1 destino importante dos produtos brasileiros, as exportações representam pouco mais de 4% do total das vendas até julho. Em 2018, representavam 7%."

Ainda no cenário externo, o economista avalia que o dólar acima dos R\$ 4 no curto prazo por conta da saída de capitais de investimentos estrangeiros, que se protegem em relação ao risco de países emergentes. Esse movimento, no cenário projetado pelo MUFG, deve melhorar até o final do ano. O Banco trabalha com projeção de câmbio a R\$ 3,85 no fechamento de 2019.

Em relação as pautas econômicas domésticas, Pedroso acredita que a equipe econômica do presidente Jair Bolsonaro terá sucesso em aprovar uma "boa" reforma da Previdência. Nesta semana, o Tasso Jereissati (PSDB-CE) apresentou o parecer do texto na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado. Se aprovadas todas as alterações propostas, a economia total será de R\$ 990,5 bilhões em 10 anos

"Tudo leva a crer que vamos conseguir aprovar uma boa reforma, mas isso já está na conta. Essa aprovação no Senado não vai trazer nenhum impacto positivo em termos de melhoras de ativos ou coisas parecidas, pois já está precificado no mercado", disse.

A discussão do texto no colegiado deve começar na próxima 4ª feira (4.set.2019). A previsão do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP) é votar o texto no plenário em 10 de outubro.

Eis alguns trechos da entrevista:

Poder360: Nesta semana, o IBGE divulgou que o PIB cresceu 0,4% no 2º trimestre de 2019, acima da expectativa do mercado. Como vocês avaliam

Carlos Pedroso: O resultado também foi acima do que a gente imaginava, que era 0,25%, e isso é 1 dado bastante positivo. Destaco o setor de Construção, que mostrou uma melhora, mas não ainda o quanto imaginamos

Olhando para o lado da demanda, o positivo foi a parte de investimentos, que veio bem acima do que se imaginava. Não é 1 patamar de investimento muito animador, pois ainda temos bastante capacidade ociosa na economia, mas é fruto da recuperação do setor de construção e também para atender uma pequena demanda que está surgindo. Não é o investimento que vai fazer com quem o PIB acelere rapidamente.

Mas muitos colegas estavam trabalhando até com possibilidade de queda do PIB no 2º trimestre, então foi uma evolução positiva da economia durante esse período.

Quando olhamos apenas a demanda interna da economia, quando tira a contribuição do setor externo, esse PIB cresceu 0,64%, que é 1 ritmo bom para uma economia que está em processo de recuperação.

Qual expectativa de vocês para 2019?

Os dados parciais do 3º trimestre são fracos ainda e, por isso, trabalhamos com crescimento da mesma ordem, em torno de 0,4%, sempre falando em relação ao trimestre anterior. No 4º trimestre, vemos aceleração de 0,8%, pelo impacto maior da liberação dos recursos do FGTS [Fundo de Garantia de Tempo de Serviço]. Com esse desempenho, o PIB de 2019 deve ser em torno de 1%.

O crescimento nesse trimestre, principalmente, pela Indústria. Quais as perspectivas para os setores?

O setor de Mineração deve registrar uma melhora simplesmente por efeito base. Foi muito impactada por conta do acidente em Brumadinho, o que afetou a produção de minério de ferro. Isso deixa a base de comparação muito baixa para o setor no 2º trimestre, o que gera 1 efeito estatístico positivo. A agricultura [que registrou queda de 0,4% no 2º trimestre], tradicionalmente, tem 1 período pior no ano. Mas, esperamos uma recuperação

Nesta semana, o relator, senador Tasso Jereissati (PSDB-CE) apresentou o parecer da reforma da Previdência na CCJ do Senado. A expectativa é votar na comissão nesta semana e no plenário no 10 de outubro. Vocês são otimistas em relação a esse cronograma?

Tudo indica que temos muitas possibilidades dessa agenda ser cumprida. Se atrasar uma ou duas semanas não vai ser muito relevante. Mas o projeto proposto pelo relator mostra que boa parte do impacto fiscal está preservado e até melhor do que se imaginava. Tudo leva a crer que vamos conseguir aprovar uma boa reforma, mas isso já está na conta. Essa aprovação no Senado não vai trazer nenhum impacto positivo em termos de melhoras de ativos ou coisas parecidas, pois já está precificado no mercado.

Quais as outras medidas fiscais estão no radar do mercado?

Acompanhar a discussão da reforma tributária, que está começando na Câmara. Mas é 1 processo mais longo e só vão conseguir terminar a votação nas duas Casas no início do ano que vem. Se já mostrar progressos nos próximos meses, será bastante positivo. Tem toda aquela agenda de medidas para melhorar a parte de finanças dos Estados e municípios. A parte da cessão onerosa, que tem o leilão agendado para novembro, também é algo bastante relevante e algumas medidas setoriais, como as novas regulamentações no setor de mineração, telecomunicações, saneamento, a abertura do mercado de gás. São medidas que ajudam a melhorar o ambiente de negócios e traz ganhos positivos para a economia.

Quais são as expectativas em relação ao pacote de privatizações e concessões do governo federal?

O processo de privatização é muito importante. Muito menos pelo recurso que o governo irá arrecadar com a venda das estatais e mais por conta de 2 fatores: estatais deficitárias deixam de pesar no tesouro, isso melhora de uma maneira estrutural as contas públicas, e ao trazer dinheiro do setor privado as empresas ganham impulso no desempenho e, com isso começam a produzir resultados positivos para a economia. O importante para o governo é demonstrar que continua no processo de melhoras das contas públicas. A privatização das empresas é parte desse processo, essa sinalização é mais importante.

Quando a economia brasileira vai voltar a crescer em percentuais expressivos?

Temos uma visão bastante positiva para 2020, trabalha com PIB de 2,8%, acima da média do mercado, pois já esperamos alguma recuperação no investimento. Vamos ter uma melhora no consumo e, consequentemente, empresas investindo. No ambiente de negócio, com juros baixos, melhora nas condições de crédito e também impulso dos projetos de infraestrutura que estão sendo leiloados. Isso traz um viés positivo para a parte de investimento. Também vamos poder ver 1 impulso no consumo das famílias por conta de uma melhora no mercado de trabalho e, a partir do momento que as pessoas têm menor receio de perder o emprego, consegue aproveitar esse ambiente de inflação baixa, juros mais baixos, já cria condições para melhorar o mercado.

Ouando vamos ver melhoras no mercado de trabalho?

Temos que olhar o mercado de trabalho de uma maneira cuidadosa nos próximos meses. A taxa de desemprego não vai cair na mesma velocidade que a gente pode considerar que o mercado de trabalho vai melhorar. É importante como o emprego vai ser criado e qual tipo de emprego. Até o momento, o emprego que vem crescendo é aquele de menor qualificação, mais instável, que é o de carteira não assinado ou nor conta própria. O que a gente espera é que nos próximos meses tenha uma melhora do emprego com carteira assinado, que é mais estável, fornece uma renda mais estável, o que permite que a população faça uma compra ou tome crédito.

Como a crise econômica e política na Argentina afeta o Brasil?

O mercado mostrou que a questão da Argentina está bastante absorvida. No início do mês, tivemos um pouco de impacto quando o [Mauricio] Macri perdeu as primárias para o candidato da oposição e isso fez com que os ativos, incluindo os brasileiros, tivessem uma reação negativa. Feito esse ajuste, parece que o mercado já está precificando o derrota do Macri e o risco maior de haver problemas no pagamento da divida da Argentina. Olhando para a economia real, esse impacto da Argentina no Brasil já vem acontecendo há alguns meses. O país está em recessão e as exportações brasileiras caíram dramaticamente nos últimos meses. De janeiro a julho, a Argentina, apesar de ser o 3º maior destino das exportações brasileiras, representa pouco mais de 4% do total. No mesmo período do ano passado, era mais de 7%. Basicamente, esse canal já está esgotado. O impacto vai ser bastante limitado para a economia brasileira agora.

O BC teve uma atuação forte para conter a alta do dólar. Qual sua avaliação dessas medidas?

Realmente tem uma maior demanda por dólar no mercado, se a gente olha o balanço do câmbio contratado nas últimas semanas têm estado deficitário. Isso mostra que há uma demanda por dólar por conta, principalmente, pela saída de investidores de mercados emergentes para mercados chamados porto-seguros, como Estados Unidos e Suíça. Outro movimento, que o BC deixou claro, é que as empresas estão deixando de tomar recursos estrangeiros e pegando em moeda nacional no mercado interno. Mas é 1 tipo de aumento de demanda salutar na medida que acaba reduzindo essas oscilações do mercado de câmbio. Nesse sentido, acho que o BC acertou. Temos reservas altas capacidade de poder sustentar esse tipo de demanda.

O dólar deve se manter nessa patamar de R\$ 4 nas próximas semanas?

Acho que, no curto prazo, se sustenta por causa do cenário externo. Mas, trabalhamos com uma melhora nesse ambiente internacional nos próximos meses, tanto que o câmbio volta para a casa dos R\$ 3,85 no final do ano. Mas, nas próximas semanas ainda vai ficar acima de R\$ 4.

Qual seria a cotação confortável para a economia brasileira?

Depende do ponto de vista. Nesse patamar, o dólar não traz preocupação em relação à inflação. A inflação está muito baixa e mesmo com a atividade muito fraca, o repasse dessa desvalorização para preços é bastante limitada. A inflação tende a se manter ancorada nas metas, o que significa que o BC não precisa mudar sua política monetária e vai continuar cortando juros. Outro ponto é que o dólar nesse patamar é bom para o setor exportador e ruim para o importador, mas como a economia ainda está bastante fraca, não tem impacto tão forte em setores, como o eletrônico, que têm dependência maior de componentes importados. É dificil dizer se esse é 1 câmbio de equilibrio, pois varia de caso a caso, setor a setor. Mas, nas últimas avaliações feitas, o câmbio em torno de R\$3,80 ou R\$ 3,90 seria mais equilibrado.



(Foto:)